Fale com o editor: jrneves@redegazeta.com.br

A GAZETA Vitória (ES), domingo, 25 de maio de 2008

CADERNO2 | 05

MATÉRIA DE CAPA **Porta-voz** O ex-revolucionário Daniel Cohn-Bendit deu por encerrada essa fase da história no livro "Esqueça 68", lançado na Europa

O sonho acabou, diz pensador

SERGIO DENICOLI
PORTO

■■ Após 40 anos, está decretado o fim de 1968. O "ano que não terminou" teve sua morte anunciada por um dos principais representantes daquela geração que conseguiu mudar o pensamento da sociedade na segunda metade do século XX: Daniel Cohn-Bendit. O então estudante de Sociologia da Universidade de Nanterre, subúrbio de Paris, que se tornou o porta-voz de uma manifestação que revolucionou a França e influenciou grande parte do mundo, deu por encerrada aquela fase da história em seu livro "Esqueça 68", recém-lançado na Europa.

Segundo ele, os motivos que levaram às manifestações não existem mais, pois há uma nova construção social e política e o contexto atual é muito diferente ao daquele período. "Ganhamos socialmente e perdemos culturalmente. Também me deixei embalar pelo sonho de uma sociedade que se emanciparia da alienação capitalista para viver em plena liberdade a sua autonomia", afirmou em recente entrevista aos jornais europeus.

DIVULGAÇÃO



FRANCE PRESS



BRUNO BARBEY



EUROPEAN PRESS



REG LANCASTER



REFLEXÃO. Segundo o autor (no alto, à direita, comandando o movimento estudantil em Paris), os motivos que levaram às manifestações não existem mais, diante da nova construção social e política mundial: "Também me deixei embalar pelo sonho de uma sociedade que se emanciparia da alienação capitalista"

PROSPERIDADE

Nos anos 60, a Europa ocidental capitalista vivia uma era de prosperidade e experimentava um crescimento econômico proporcionado pela reconstrução iniciada após a Segunda Guerra Mundial. Não havia desemprego, os países tinham capital para investir, o grau de escolaridade aumentava e a mulher era requisitada no mercado de trabalho.

Havia ainda uma profunda mudança na sexualidade, com o surgimento da pílula anticoncepcional, que permitia um controle sobre a fertilidade feminina. Jovens casais passaram a viver juntos antes do casamento, aumentou o número de divórcios e houve uma diminuição da natalidade.

No entanto, apesar da transformação da sociedade, os conceitos dos poderes estabelecidos ainda eram retrógrados. O funcionamento das universidades estava inserido nesse mundo conservador, sendo que os estudantes vivenciavam e protagonizavam as mudanças de forma intensa. Havia, portanto, um choque e ele começaria a ficar mais visível em Nanterre, já a partir de 1967.

Naquele ano, tendo como estímulo uma conferência sobre sexualidade, os estudantes da universidade passaram a distribuir um manifesto criticando a segregação sexual na Cidade Universitária e exigindo dormitórios mistos. A administração expulsou 29 alunos e criou uma "lista negra" visando os demais militantes. A repressão foi logo rebatida com exigências de liberdade de expressão, lideradas por Daniel Cohn-Bendit.

Em 1968, o movimento, que tinha implícita a possibilidade de mudar o sistema, chegou rapidamente às outras universidades francesas, como Nantes e Sorbonne. A polícia era sempre chamada para tentar conter as manifestações. No mês de maio ocorreu o ponto alto de eclosão da revolta. Uma greve geral paralisou as faculdades parisienses e também as escolas secundárias. Iniciam-se embates violentos entre a polícia e os manifestantes, armados com pedras e coquetéis molotov. O movimento, que inicialmente não tinha caráter político, rapidamente passou exigir a renúncia do presidente, o General Charles de Gaulle, e a convocação de eleições gerais.

Paris foi pichada com frases de efeito como "é proibido proibir", "a imaginação toma o poder", "pare o mundo, eu quero descer", etc.

As manifestações ganharam proporção e os sindicatos passaram a decretar greve geral dos operários. O país parou durante várias semanas. De Gaulle refugiou-se na Alemanha, ofereceu aumento aos operários, que assim abandonaram as manifestações, afirmou que não deixaria o governo e convocou eleições parlamentares.

Suas medidas obtiveram êxito e grande parte da população o apoiou. Tendo sido visto como um articulador que restabeleceu a paz, De Gaulle conseguiu eleger seus partidários e os protestos estudantis se esgotaram. Daniel Cohn-Bendit foi expulso do país e só pôde voltar 10 anos mais tarde. Hoje é deputado do Parlamento Europeu.

Apesar das manifestações na França serem consideradas o símbolo maior das reivindicações levantadas pela geração de 68, aquele ano foi emblemático em muitos outros países. O mundo protestou contra a Guerra do Vietnã; assistiu ao assassinato do líder negro humanista norte-americano Martin Luther King; a União Soviética invadiu a então Tchecoslováquia com o intuito de impor um regime fechado ao país que buscava uma alternativa ao comunismo stalinista. O Brasil era um país de paradoxos; de um lado, idealistas lutavam contra o regime militar e, do outro, havia cidadãos alienados pelos instrumentos de censura da ditadura.

"Sejam realistas, peçam o impossível"

■■ Além de ter sido um ano de transformações, 1968 tem uma característica comum a todos os países que têm essa data como um marco histórico: a coragem da juventude e o seu estímulo por meio de um imaginário utópico. O filósofo e sociólogo alemão Herbert Marcuse, cujas idéias estavam em destaque naquele período e eram encampadas como bandeiras ideológicas, via nesse idealismo utópico, por si só, uma revolução. "É novo e revolucionário tentar traduzir para a realidade as idéias e os valores mais avançados da imaginação", disse ele em um texto publicado em 1969, em um jornal francês. Entre as frases pichadas em Paris durante o Maio de 68, Marcuse destaca uma de suas preferidas: "Sejam realistas, peçam o impossível".

Entrevistas

MARIA ENGRÁCIA LEANDRO
Doutora em Sociologia

"As pessoas hoje têm dificuldade em pensar a mudança"

SERGIO DENICOLI



■■ Ela é doutora em Sociologia pela Universidade de Sorbonne e professora da Universidade do Minho, em Portugal. Viveu na França de 1978 a 1991. Em uma entrevista realizada na cidade portuguesa de Braga, Maria Engrácia Leandro falou dos movimentos de 1968 e analisou os jovens de hoje.

■■ Já havia uma revolução social antes das manifestações de 1968?
No âmbito das mentalidades, essa relação já fervilhava. Maio de 68 foi o cume de um movimento que não se pretendia político, mas que queria uma mudança a todos os níveis da sociedade. Não foi uma revolução com armas, mas uma revolução de mentalidades. Os jovens sentiam a necessidade de uma certa abertura e, por meio deles, foram atraídos outros segmentos da população.

■■ As gerações de hoje são menos combativas que as da década de 60?
Não podemos comparar a geração de 60 com a de hoje, porque os contextos sociais, políticos e econômicos são diferentes. Na França, essa geração de 68 nasceu num contexto de riqueza, no sentido latu da palavra. Lutou por uma revolução cultural dos costumes, essencialmente das mentalidades. Mas, em termos de regalias sociais, não foi preciso lutar. Hoje as coisas não são assim. O jovem tem que se debater para ter um emprego.

■■ A falta de emprego não seria uma motivação para uma manifestação coletiva?
É uma situação muito complicada. Há o problema da desigualdade social. Não se pode haver justiça numa sociedade em que uma minoria vive com a maioria da renda gerada. Não se sabe o que virá se a pobreza continuar a se acentuar para uns e a riqueza para outros.

■■ Parece que há um desinteresse dos jovens em relação às lutas políticas.
Fala-se muito que a juventude só quer saber de festas, drogas etc, mas é a sociedade que faz dos jovens uma presa fácil de consumo. A sociedade investe muito mais no imediato, no imediatismo. No caso do consumo, a pessoa quer comprar um carro, não tem dinheiro e compra a crédito. A sociedade do consumo faz as pessoas terem aspirações que, às vezes, não têm meios para obter.

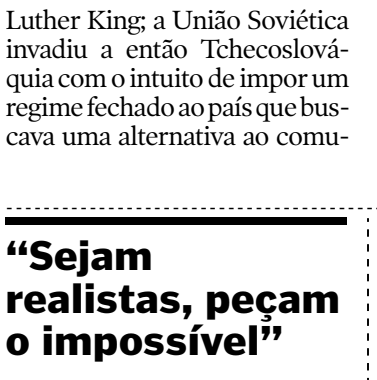
■■ A sociedade de 68 não era uma sociedade do consumo?
Não como é hoje. A sociedade do consumo começou no final dos anos 40 do século passado, nos Estados Unidos, quando os ordenados dos operários melhoraram. Na sociedade do consumo, as pessoas quase que vivem para consumir e consomem para viver.

■■ A mudança pode ser mais rápida do que o pensamento de mudança?
As pessoas hoje têm dificuldade em pensar a mudança, mas as mudanças fazem parte da sociedade. O que é preciso é caminhar com as mudanças sem cair no pessimismo, nos alarmismos. Não vale a pena a mudança pela mudança, mas saber porque a mudança se faz e para onde é que se quer ir.

PATRICK LANGLAND
Pianista francês

"Aquelas manifestações significaram a libertação do homem"

DIVULGAÇÃO



■■ Patrick Langland, 58, é francês e vive em Paris. Em maio de 1968, era estudante de Filosofia na Universidade de Sorbonne e acompanhou de perto o movimento estudantil que paralisou o país. Hoje, pianista reconhecido internacionalmente, Langland falou ao *Caderno 2* sobre o que significou para ele aquelas manifestações, que viriam a ter repercussões mundiais.

■■ Quais eram os temas das conversas entre os estudantes em 1968?
Romper o sistema.

■■ O que mais desagradava à sua geração?
Não tínhamos uma ditadura, mas havia o aprisionamento das idéias em uma velha França, conservadora. Havia uma direita dirigente com idéias retrógradas e uma juventude que tinha desejo de se emancipar. Era uma rebelião contra a ordem estabelecida, contra a autoridade, pela liberdade e emancipação.

■■ O que mais desejavam mudar?
Era preciso estar livre dos constrangimentos da família e de qualquer autoridade. Foi uma revolução de idéias, de comportamento. Muitos valores foram mudados, a sexualidade explodiu, havia a pílula anticoncepcional e o aborto. Na arte, houve a contracultura, a pop arte, movimentos em que as leis da arte clássica foram perturbadas. Não era possível conter o movimento. Tudo foi bloqueado, as fábricas não funcionavam, as pessoas não trabalhavam, tudo estava fechado, tudo parou.

■■ Como um protesto de estudantes ganhou uma proporção tão grande?
Da mesma maneira que uma revolução. Foi uma bola de neve, as idéias transmitiam-se rapidamente. Alguns líderes as levaram a outros.

■■ O que mudou no mundo a partir de 1968?
Houve uma espécie de abertura de espírito. As idéias saíram dos trilhos tradicionais, das coisas estabelecidas, do conformismo. As mulheres perceberam que tinham um corpo e decidiram fazer o que queriam, o que tinham vontade. A religião tomou um grande golpe. Aquelas manifestações significaram a libertação do homem. Antes, os jovens estavam enclausurados pelos pais, pelo sistema. Não era possível sair da ordem, mas sonhava-se em sair. Tudo então foi colocado em questão. Era uma maneira de dizer à sociedade em geral e ao Estado que eles não prestavam.

■■ Onde estão as bandeiras da sua geração? Por que os jovens hoje são menos combativos?
Os jovens hoje são menos combativos porque Maio de 68 deixou um legado às próximas gerações. O que se faz hoje na França e no mundo ocidental deve-se muito àquela geração. Um exemplo é a liberdade de imprensa. A nossa geração obrigou a sociedade a nos entender, a enxergar os jovens como adultos. Antes, a maioridade era aos 21 anos, depois passou a ser aos 18.

■■ Que conselho você daria a um jovem de hoje?
Que olhe para o passado.